

TÓPICO I: Introdução: Delimitação de um campo de estudos

BIBLIOGRAFIA PARA ESTE TÓPICO

- 📖 BORBA, Francisco da Silva (1979). Níveis de adequação teórica. In: Teoria Sintática. São Paulo: Edusp. **1-18**.
- 📖 CASTILHO, Ataliba Teixeira de (2010). Capítulo 1: O que se entende por língua e por gramática. In: Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto. **41-108**.
- 📖 CASTILHO, Ataliba Teixeira de (2010). Capítulo 3: História do português brasileiro. In: Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto. **169-196**.
- 📖 CASTILHO, Ataliba Teixeira de (2010). Capítulo 4: Diversidade do português brasileiro. In: Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto. **197-224**.
- 📖 GALVES, Charlotte (1998). A Gramática do Português Brasileiro. Língua e Instrumentos Lingüísticos, v. 1. **79-96**.
- 📖 NEGRÃO, Esmeralda, et al. (2003) Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, L. (org.) Introdução à Lingüística.II. Princípios de Análise. São Paulo: Contexto. **111-136**.
- 📖 NEGRÃO, Esmeralda, et al. (2002) A competência lingüística. In: FIORIN, L. (org.) Introdução à Lingüística. I. Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto. **95-119**.
- 📖 OLIVEIRA, Marcia Santos Duarte de (2010). Capítulo 1: A língua portuguesa falada no Brasil. In: Análise Sintática do Português Falado no Brasil- Volume 1. Rio de Janeiro: Multifoco. **19-40**.
- 📖 OLIVEIRA, Marcia Santos Duarte de (2010). Capítulo 2: Formalismos em lingüística e a análise sintática formal do português falado no Brasil. In: Análise Sintática do Português Falado no Brasil- Volume 1. Rio de Janeiro: Multifoco. **41-72**.
- 📖 PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2006) Lingüística Histórica. In: Claudia Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento. 1 ed. Campinas: Pontes, v. 3. **11-48**.
- 📖 PERINI, Mário Alberto (2006). Introdução: Gramática e lingüística. In: Princípios de Lingüística Descritiva. São Paulo: Parábola. **17-26**.
- 📖 ROBERTS, Ian e KATO, Mary (Orgs. 1993). Como e por que escavar. In: Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp.

I. Aula

1. Sintaxe, variação e mudança segundo diferentes abordagens teóricas

 BIBLIOGRAFIA INICIAL PARA ESTE PONTO: PAIXÃO DE SOUSA (2006).

“As Gramáticas, na nossa perspectiva, são entidades psicológicas que emergem nas mentes dos indivíduos quando são expostos, na infância, a experiências desencadeadoras”. Neste caso, o mistério central para a lingüística histórica é: por que ela existe? Por que as línguas têm histórias? Por que ocorrem mudanças? Por que as línguas não são simplesmente estáveis?”

D. Lightfoot, 1999, *The Development of Language* (tradução em Paixão de Sousa, 2006: 39)

1.1 "Variação e Mudança" em diferentes abordagens teóricas

1.1.1 Um breve histórico da relação entre as teorias da linguagem e a mudança

1.1.2 O problema colocado pela mudança linguística, para as teorias formais

II. Questões levantadas pelo ponto 1.1: "Sintaxe, variação e mudança segundo diferentes abordagens teóricas"

(De 9/08 a 15/08, a em <http://moodle.stoa.usp.br/mod/forum/view.php?id=16745>)

Mesóclise

Qual seria o fator determinante para mudanças como por exemplo o abandono praticamente total de estruturas mesoclíticas (Ex: falar-te-ei) na língua portuguesa falada? Seria este fator interno e/ou externo à língua?

Níveis de Análise

Até que ponto os fenômenos fonéticos/fonológicos influenciaram a mudança sintática na passagem do Latim para o Português? (Turma de quarta)

Questão para sintaxe II

"Quais são os princípios da Gramática Universal e como eles se realizam no português brasileiro?"

Variação e Gramática Universal

Uma das hipóteses discutidas sobre a variação linguística diz respeito à mudança paramétrica. Aceitando tal variação como única possível, já que os princípios são imutáveis, não estamos também dizendo que a única causa da variação seja, portanto, no contato entre falantes, isto é, tenha uma origem sociolinguística?

Re: *Variação e Gramática Universal*

Até que ponto os fenômenos fonéticos/fonológicos influenciaram a mudança sintática na passagem do Latim para o Português? (Turma de quarta)

Re: *Variação e Gramática Universal*

Entendendo a gramática universal como algo inato que contém as estruturas possíveis de determinada língua e que as mudanças acontecem no campo das experiências linguísticas do sujeito, como tais mudanças tornam-se objeto inato de aquisição dos novos sujeitos e novas gerações? Há um momento em que a mudança linguística, da experiência do(s) sujeito(s) passa a fazer parte do que se julga possível em uma língua (gramática universal)? Como isso ocorre?

Questão relativa ao tópico I - mudança linguística

Considerando o ponto de vista da língua como uma faculdade da linguagem, inata à espécie humana, podemos considerar que, independente dos fatores externos e sem excluir seu papel na mudança linguística, as línguas só mudam porque o sistema, ou seja, porque esta faculdade da linguagem permite esta mudança?

Mudança linguística do ponto de vista Estruturalista

Como o Estruturalismo respondeu à seguinte crítica direcionada à explicação que propôs para a mudança linguística: se as mudanças são teleológicas, ocorrendo com a finalidade de reequilibrar o sistema, por que são lentas e graduais, não afetando simultaneamente todos os falantes da língua? Alguns falantes continuam usando um sistema desequilibrado? Aliás, gostaria de saber o que o Estruturalismo entende por "sistema desequilibrado". Seria uma língua que não estivesse atendendo às necessidades comunicativas de seus falantes? Mas isso é possível?

Para exemplificar o ponto de vista estruturalista sobre mudança linguística, gostaria de saber como o Estruturalismo explicaria o neologismo "deletar" incorporado ao Português Brasileiro (mudança lexical por meio de empréstimo linguístico). Que fator interno teria gerado essa mudança, já que não é possível relacioná-la ao fator extra linguístico do advento da computação?

Questão para aula 1

Não entendi bem, parece que cada um está abrindo um tópico para sua questão... mas vamos lá. Não tenho muita idéia do que perguntar, mas pensei no seguinte:

O estudo da mudança de uma língua deve ser feita necessariamente sob um aspecto dela, somente? Quais são os problemas em se fazer um estudo sob múltiplos pontos de vista?

I. Aula

1. Sintaxe, variação e mudança segundo diferentes abordagens teóricas (cont.)

Questões selecionadas para discussão

- ⇒ Uma das hipóteses discutidas sobre a variação linguística diz respeito à mudança paramétrica. Aceitando tal variação como única possível, já que os princípios são imutáveis, não estamos também dizendo que a única causa da variação seja, portanto, no contato entre falantes, isto é, tenha uma origem sociolinguística?
- ⇒ Considerando o ponto de vista da língua como uma faculdade da linguagem, inata à espécie humana, podemos considerar que, independente dos fatores externos e sem excluir seu papel na mudança linguística, as línguas só mudam porque o sistema, ou seja, porque esta faculdade da linguagem permite esta mudança?
- ⇒ Entendendo a gramática universal como algo inato que contém as estruturas possíveis de determinada língua e que as mudanças acontecem no campo das experiências linguísticas do sujeito, como tais mudanças tornam-se objeto inato de aquisição dos novos sujeitos e novas gerações? Há um momento em que a mudança linguística, da experiência do(s) sujeito(s) passa a fazer parte do que se julga possível em uma língua (gramática universal)? Como isso ocorre?

Bibliografia complementar específica para esta discussão

- 📖 KROCH, Anthony (2001). Syntactic Change. In Baltin, Mark and Collins, Chris (eds): The Handbook of Contemporary Syntactic Theory. Blackwell. Tradução de S.R.O. Cavalcante, "Mudança Sintática": ftp://babel.ling.upenn.edu/papers/faculty/tony_kroch/papers/mudanca-sintatica.pdf.

Ao longo do tempo, as línguas mudam em cada nível de estrutura: vocabulário, fonologia, morfologia e sintaxe. Como e porque tal mudança ocorre constituem as questões-chave levantadas pela disciplina de linguística histórica. Sob a perspectiva da gramática gerativa atual, a mudança linguística é estreitamente condicionada pelo requerimento de que todas as línguas se adaptam a especificações da faculdade humana da linguagem; mas a mudança linguística, assim como o fato cru da diversidade estrutural das línguas do mundo, marca um limite para a especificação biológica da linguagem. A maior questão aberta da linguística teórica talvez seja quão extenso é o leque de variação biológica; mas seja esse leque de variação qual for, ele é o campo onde os desenvolvimentos históricos ocorrem. A necessidade de uma GU ricamente especificada segue do problema lógico da aquisição da linguagem, tal que o lingüista sincrônico considera como análises candidatas somente as formuladas em teorias que especifiquem claramente o que existe para ser aprendido e o que está construído internamente. O estudo contemporâneo da mudança sintática, o assunto desse artigo, é geralmente formulado em termos do processo de aquisição; entretanto, como poderá ser visto, o estudo da diacronia tem dificuldades por si só.

A mudança lingüística é por definição uma falha na transmissão de traços lingüísticos através do tempo. Tais falhas, em princípio, podem ocorrer entre grupos de falantes nativos adultos, que, por alguma razão, substituem um traço por outro no uso da língua, como acontece quando novas palavras são cunhadas e substituem velhas; porém, no caso de traços sintáticos e gramaticais, tal inovação por adultos monolíngues quase não é atestada. Por outro lado, as falhas na transmissão parecem ocorrer no curso da aquisição da linguagem; isto é, elas são falhas no aprendizado. Uma vez que, numa instância de mudança sintática, o traço que os aprendizes falham em adquirir é aprendizável em princípio, tendo sido parte da gramática da língua num passado imediato, a causa da falha deve recair em alguma mudança, talvez sutil, no tipo de evidência disponível para o aprendiz ou em alguma diferença, por exemplo, na sua idade durante o processo de aquisição, como no caso da mudança induzida através da aquisição de segunda língua por adultos em situação de contato lingüístico. O nosso entendimento de falhas na transmissão é muito limitado, porque a nossa compreensão da relação entre a evidência apresentada ao aprendiz e a gramática adquirida é ainda imprecisa. Os estudos de aquisição da linguagem geralmente tomam por certo que a evidência a que o aprendiz é exposta é suficiente para garantir uma aprendizagem precisa por parte de um aprendiz competente; isto é, uma criança na sua idade crítica. Essa suposição é perfeitamente razoável sob circunstâncias normais, mas a mudança lingüística mostra que há limites para sua validade. Nós não sabemos quais são esses limites e, ainda mais, não é claro como achá-los, dado que a manipulação experimental da evidência apresentada aos aprendizes não é nem prática nem ética. Nesse contexto, os casos de mudança documentados têm se mostrado interessantes enquanto experimentos naturais sobre a transmissão da linguagem. A interpretação desses experimentos é, entretanto, extremamente difícil devido às limitações da evidência preservada em termos quantitativo e sociolingüístico e à falta de informantes falantes nativos. Não é surpreendente, pois, que resultados conclusivos têm sido difícil de aparecer e, no que segue, nós necessariamente estaremos descrevendo tanto as questões abertas e a agenda de pesquisa de sintaxe diacrônica quanto seus resultados estabelecidos.

1.2 Especificidade da sintaxe nos estudos de variação e mudança

EXCERTO: Oliveira (2010:20-21)

Cena em Lisboa, novembro de 2009:

Márcia, uma brasileira, encontra-se em casa de sua amiga Dália, portuguesa. Dália está acompanhada de seu neto Francisco (Kiko) de quatro anos, que as ouve, atentamente, conversando à mesa do jantar. Márcia olha para Kiko e lhe pergunta:

– Kiko, queres isto?

Kiko lhe responde com ar surpreso!

– Ah! Já estás quase a falar português, hein!

Vários estudos apontam que:

(i) o português brasileiro – PB – não possui a mesma gramática que o português europeu – PE;

(ii) a sintaxe pronominal do PB e PE é um dos tópicos linguísticos que apresenta distinções mais visíveis – ver, entre outros: Cyrino, S. M. L. (1994), Cyrino, Duarte & Kato (2000), Duarte (1996), Figueiredo e Silva (1996), Galves (1987, 1998, 2001), Kato (1999), Kato & Negrão (2000), Monteiro (1994), Negrão (1999), Nunes (2003), Tarallo (1983), Torres Moraes & Ribeiro (2005).

Voltando à cena que introduz este capítulo, e livro, apresentamos a pergunta de Márcia à Kiko abaixo, em duas versões:

(1) – Kiko, queres isto? (português europeu)

(2) – Kiko, você quer isto? (português brasileiro)

A surpresa de Kiko ao ouvir Márcia pronunciar a sentença (1) é que, de fato, a sentença (1) não faz parte da gramática de Márcia – e a inteligência de Kiko já havia constatado este fato.

À parte questões fonológicas, as sentenças (1) e (2), embora similares, exemplificam um distanciamento entre gramáticas:

(i) no PB, ocorre uma redução do paradigma de flexão – veja, em (2), a flexão de 3a. pessoa do singular quer (concordância com ele/a) sendo usada para a concordância de 2a. pessoa do singular (pronomes você);

(ii) o uso da forma pronominal você em (2) não é o mesmo que a forma você em Portugal. Em Portugal, você/tu são formas alternantes, familiares, mas que são usadas em situações de menos intimidade (você) e mais intimidade (tu)¹. No Brasil, à parte o norte do país (região do Pará), você/tu não são formas alternantes de um paradigma formal/informal. Kiko já havia ouvido várias vezes Márcia falando e, na interação com ele e sua avó Dália, usando você;

(iii) o preenchimento pronominal da posição de sujeito em situações em que o sujeito pode ser nulo, como em (1), é outra grande marca de diferenciação entre o PB e o PE. Pesquisas atestam que em PB, estamos cada vez mais preenchendo fonologicamente a posição de sujeito quando este sujeito é mais referencial, como pronomes de 1a. e de 2a. pessoas – cf. Cyrino, Duarte & Kato (2000). Kiko, já estava ouvindo, há cerca de dois meses, Márcia preencher a posição de sujeito como em (2), diferentemente do que ele e ‘sua casa’ fariam (veja sujeito nulo em (1)).

A inserção, principalmente no português do Brasil, de ‘você’ e ‘a gente’ no sistema pronominal criou uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua. Por derivar de uma forma nominal que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o emprego de ‘você’ na interlocução acarretou, por exemplo, um rearranjo no sistema pronominal com a fusão de 2a. pessoa do plural. Novas possibilidades combinatórias tornaram-se usuais [...]

[...] Outra reestruturação ocorreu no paradigma verbal que perde sua riqueza em termos flexionais passando de seis para três formas básicas (“eu falo”, “tu/você/ele/ a gente fala”, “vocês/ eles falam”. [...])” Lopes & Rumeu (2007: 419)

É evidente que Kiko não interpretou teoricamente as diferenças entre as sentenças (1) e (2), descritas acima, linguisticamente, à luz de pesquisas atuais. No entanto, o que nos chama a atenção é que uma criança de quatro anos, bastante inteligente e que já fala com fluência o PE, ateste a seguinte conclusão, reproduzida em:

(3) – Ah! Já estás quase a falar português, hein!

Em nossa interpretação (aos risos) é como se Kiko dissesse: “Ah! Finalmente Márcia já pode ser quase compreendida por nós, que falamos português”.

A cena acima entre Kiko e Márcia constitui-se em uma prova enunciativa de que o PE e o PB caminham para duas variedades cada vez mais distantes.

As variedades do português faladas em Portugal (PE) e no Brasil (PB) apresentam algumas diferenças tanto nos níveis fonético e lexical (as diferenças mais facilmente apreensíveis) como nos níveis morfológico e sintático-semântico. Mateus (2003(b): 45)

Note que o fato de podermos nos entender – brasileiros e portugueses – não é a base para ratificarmos que somos apenas duas variantes geográficas. Viaje à Portugal e verifique que, por todos os lados que você ouvir o português, você saberá diferenciar se ele é falado por brasileiros ou por portugueses. Nós brasileiros sabemos distinguir entre uma fala portuguesa e uma fala brasileira, assim como os portugueses também o sabem. E o interessante é que, nesta situação, as diferenças ‘internas’ das regiões (ou de Portugal, ou do Brasil) são anuladas.

Importante ressaltar, portanto, que as diferenças notadas entre o PB e o PE não se dão apenas na área lexical (o vocabulário) e na área fonológica (a pronúncia), mas também na morfossintaxe e na semântica – observe o diálogo entre Kiko e Márcia.

2. Panorama dos estudos sobre a sintaxe do português no Brasil

 BIBLIOGRAFIA INICIAL PARA ESTE PONTO:

OLIVEIRA (2010:19-40);

CASTILHO (2010:197-224);

ROBERTS & KATO (1993).

I. Questões levantadas pelo ponto 1.2

(de 16/08 a 22/08, em <http://moodle.stoa.usp.br/mod/forum/view.php?id=16745>)

Questão I (primeira aula); por Fabio Keishiro Shishido - terça, 17 agosto 2010, 12:14

Considerando que o homem sobrevive através de seu domínio sobre a natureza, gostaria de saber se há estudos e métodos, ou mesmo possibilidades, que, baseado nos conhecimentos adquiridos até então, possibilitem o linguista de evitar as tais mudanças, seja pela catástrofe, seja pela gradual modificação. Afinal, muitas teorias vêm deduzindo as potenciais mudanças, e elas, no português brasileiro, parecem indicar uma excessiva simplificação. Logo, acredito ser plausível, mesmo que retrogrado, o desejo de evitar tais modificações, ademais, mesmo num nível de exercício intelectual, talvez fosse interessante uma discussão a respeito.

Primeira questão de Sintaxe II; por Perola Isis da Silva Bitencourt - terça, 17 agosto 2010, 16:43

A visão de que a mudança em uma língua pode existir pela interação específica entre a Gramática Universal e Local ficou, para mim, muito abstrata. Como ocorre essa interação para que haja a mudança?

Sintaxe ou Pragmática?; por Leandro Tadashi Abe - quinta, 19 agosto 2010, 20:26

Não tenho bem uma questão, é mais uma dúvida que ficou.

No caso, ficou evidente a diferença paramétrica entre "Kiko, queres isto" e "Kiko, você quer isto"... Mas não fiquei muito convencido, porque me pareceu questão de uso (pragmática). Pelo que entendi, no Português Europeu existe o "você", mas usado em contextos formais. Então, fiquei pensando que a "diferença gramatical" se dá pelo uso que se faz da gramática, não por mudanças gramaticais propriamente ditas (p. ex., "situações formais" vs "situações informais"). A questão do uso do pronome como ênfase também me pareceu apenas uso diferente da mesma gramática...

Em resumo: a questão da mudança gramatical, no que diz respeito ao Português Europeu em contraste com o Português Brasileiro, não ficou tão claro para mim. =(

Outra coisa que pensei durante a aula foi sobre o pronome "tu". Por mais que ele não seja mais usado, ele ainda é reconhecido, no Brasil, como um elemento da língua, mesmo em regiões nas quais ele não é mais utilizado. Pensei que é porque o "2ª pessoa" ainda é ensinado nas escolas, mas... e para as pessoas que nunca tiveram estudo?

Mudança linguística do ponto de vista Estruturalista; por Hanna Estevam - domingo, 15 agosto 2010, 19:56

Como o Estruturalismo respondeu à seguinte crítica direcionada à explicação que propôs para a mudança linguística: se as mudanças são teleológicas, ocorrendo com a finalidade de reequilibrar o sistema, por que são lentas e graduais, não afetando simultaneamente todos os falantes da língua? Alguns falantes continuam usando um sistema desequilibrado? Aliás, gostaria de saber o que o Estruturalismo entende por "sistema desequilibrado". Seria uma língua que não estivesse atendendo às necessidades comunicativas de seus falantes? Mas isso é possível?

Para exemplificar o ponto de vista estruturalista sobre mudança linguística, gostaria de saber como o Estruturalismo explicaria o neologismo "deletar" incorporado ao Português Brasileiro (mudança lexical por meio de empréstimo linguístico). Que fator interno teria gerado essa mudança, já que não é possível relacioná-la ao fator extra linguístico do advento da computação?

Re: Mudança linguística do ponto de vista Estruturalista; por Gláucia Burioli dos Santos - sábado, 21 agosto 2010, 12:16

Pelo que entendi, a fixação de uma nova construção na língua vai depender muito da aquisição da linguagem, ou seja os indivíduos selecionam ou não alguma construção para o seu uso.

Entretanto, há um momento da mudança que tanto a expressão antiga como a nova coexistem. A escolha de qual construção usar dependerá do ambiente sociocultural da pessoa, certo???? Mas, como entender o desuso total de uma construção e o surgimento quase que generalizado de outra se as pessoas advem dos mais distintos meios sociais? Esse é o único fator que influencia o desaparecimento de um termo..estrutura da língua? Dentro desta discussão não consegui chegar a outros..

questão sobre sintaxe; por Evelyn Zaidam Porting - sábado, 21 agosto 2010, 21:10

Quais são as hipóteses levantadas para explicar a diferença no emprego das formas de tratamento tu e você no Brasil e em Portugal?

O Critério Sócio-Linguístico; por Bruno Oliveira Freitas - domingo, 22 agosto 2010, 00:21

Podemos dizer que o critério sócio-linguístico é fundamental na mudança sintática do ponto de vista gerativista, uma vez que tudo passa pela gramática internalizada, que, por sua vez, é submetida a modificações ocasionadas pelo meio, onde a criança vive, com as peculiaridades culturais do grupo?

Mudança linguística; por Flavio Moura - domingo, 22 agosto 2010, 10:03

Tendo como referência as teorias de Chomsky acerca da aquisição da linguagem, em que o falante em um estado prematuro de formação estaria meio que programado, através de um processo cognitivo, a adquirir uma determinada estrutura em detrimento de outra, por que então se falar em mudança linguística? Essa afirmação não configura um equívoco? Não seria apenas uma situação em que o falante passaria a utilizar uma estrutura antes ignorada, por questões não exatamente claras, e que viria compor uma nova realidade linguística na comunidade deste falante? Se cognitivamente o falante possui um número "X" de capacidades de realização da língua não constituiria exatamente uma mudança e sim uma situação já inerente à gramática do falante em questão, mas antes ignorada; se a língua permite ao falante a realização de outras estruturas; como,

por exemplo, aprender um outro idioma, é prudente aceitar que existem inúmeras estruturas, ainda que não saibamos, por se realizar não significando com isso, necessariamente, que a cada nova configuração se caracterize uma mudança; ora, não é intrínseco ao humano? Já não fazia parte deste existindo mesmo que cognitivamente?

questão de sintaxe II; por Laercio Rosa da Silva - domingo, 22 agosto 2010, 13:23

"...Variação e mudança são propriedades linguísticas que não impedem a intercompreensão, porque obedecem a uma sistematicidade e a uma regularidade...". (Castilho, Gramática do Português Brasileiro, página 197) Sistematicidade e regularidade são princípios da gramática universal? Se olharmos a variação e a mudança de um ponto de vista diacrônico, podemos afirmar que variação e mudança são propriedades linguísticas que podem impedir a intercompreensão entre gerações, porque desobedecem a uma sistematicidade e a uma regularidade sincrônicas?

Questão II; por Juvenal da Costa Gomes Junior - domingo, 22 agosto 2010, 14:37

Se as mudanças na sintaxe se dão no nível paramétrico, como verificado nas aulas, será possível que fenômenos fonéticos/fonológicos venham a refletir em outros níveis de análise como, por exemplo, a elisão do 's' final que parece ser verificado também nos verbos, acarretando novo paradigma pronominal?

Questão 1; por Evelyn Zaidam Porting - domingo, 22 agosto 2010, 18:28

Quais fatores externos à sintaxe podem indiretamente provocar mudanças na fixação dos parâmetros de uma língua?

2º questão de sintaxe; por Danilo Silva Nakashima - domingo, 22 agosto 2010, 19:04

Na última aula, vimos que as diferentes formas de pronunciar ma[l]vado / ma[r]vado / ma[u]vado não constituem diferenças paramétricas.

Também aprendemos que as diferenças paramétricas são importantes para a fixação de paradigmas na gramática do português europeu e brasileiro (como no caso do diálogo entre Márcia e Kiko). Sendo assim, gostaria de saber quais são os limites desses parâmetros, ou seja, quais as variantes lexicais, fonéticas, morfológicas ou sintáticas nós podemos considerar como mudanças paramétricas ou não.

Variação, mudança e agramaticalidade; por Daniel Luiz Pereira Lima - domingo, 22 agosto 2010, 20:10

Como vimos nas aulas passadas, a variação e a mudança linguística ocorrem nos parâmetros de uma língua, não modificando em nada, portanto, os princípios. Já a agramaticalidade não pode ocorrer nos parâmetros, pois se assim fosse configuraria um caso de variação ou mudança. Podemos dizer, então, que algo é agramatical quando fere um princípio?

Segunda questão de Sintaxe II; por Perola Isis da Silva Bitencourt - domingo, 22 agosto 2010, 20:25

Durante aula foi colocado que a mudança nas línguas existe porque a Gramática Universal permite que ela ocorra, porém existem limites quanto ao que pode ser alterado. Como é possível saber o que a Gramática Universal permite ou não mudar nas línguas?

Como estabelecer os parâmetros?; por Juliana Correia de Aquino - domingo, 22 agosto 2010, 23:00

Levando-se em consideração as leituras do curso, tudo o que foi discutido em sala, principalmente na última aula. Sob o ponto de vista da gramática gerativa e da linguística histórica: Como surgiram as várias línguas que existem hoje se a mudança é dada por motivos externos? Quem/ O que estabeleceu os primeiros "parâmetros"?

QUESTÃO 2; por Leonardo Sinimbu Barrosa Civeira - domingo, 22 agosto 2010, 23:51

Na introdução do livro "Português Brasileiro Uma viagem diacrônica" temos o grande desafio gerativista na visão de Lightfoot, a saber, estabelecer uma associação entre teoria da mudança e teoria da aquisição da linguagem. No posfácio da mesma obra, escrito por Ian Roberts, ele fala sobre a importância de uma forte teoria gramatical e uma teoria de mudança dela derivada para a interpretação de fatos aparentemente tão diversos (p.26). Seguindo tal raciocínio, seria possível, mediante um estudo diacrônico da estrutura de uma língua, identificar uma mudança paramétrica comum que funcionasse como "gênese" dos encaixes em uma matriz estrutural (Labov)?

questão 1; por Leonardo Sinimbu Barrosa Civeira - domingo, 22 agosto 2010, 23:56

De que maneira determinada abordagem gramatical sobre a aquisição da linguagem (se estruturalista ou gerativista) interfere no estudo da sintaxe? É possível um consenso a partir de pressupostos diferentes?

Questão sobre a aula do dia 18/08; por Rogerio Menale Sampaio - segunda, 23 agosto 2010, 00:42

Vimos na última aula que a explicação para mudanças que ocorrem na língua são fruto de alterações na marcação de certos parâmetros no momento em que uma criança está realizando a aquisição de sua língua-materna. Contudo, ainda me pergunto como poderíamos explicar, tendo em vista a afirmação acima, as mudanças graduais que estão presentes nem uma língua?

Tomando como exemplo, tem-se para a 1ª pessoa do plural na língua portuguesa a forma "a gente" e o pronome "nós". Parece-me que os falantes paulistanos de língua portuguesa utilizam tanto a forma pronominal quanto a "forma inovadora" em suas falas. E em ambos os casos a compreensão é perfeita.

Assim, concluo que não há uma marcação de parâmetro. Pois, ao meu entender, se as crianças estão marcando seus parâmetros na forma "a gente", elas não produziram a forma pronominal, sendo ela utilizada apenas por falantes mais idosos. Também, se fosse feita marcação nessa nova forma, as crianças teriam certa dificuldade de compreender a forma antiga.

II. Aula

Nesta semana encerramos o Tópico I do curso (*Introdução: Delimitação de um campo de estudos*). Para consolidar as discussões introdutórias, iremos selecionar três questões sugeridas no Fórum, para serem aprofundadas ao longo das próximas semanas.

Para isso, leremos e discutiremos cada questão proposta até este ponto do curso, seguindo o roteiro abaixo:

- (1) *A questão parece pertinente aos temas tratados até o momento?*
- (2) *Há material na bibliografia tratada até este momento que possa esclarecer a questão? Qual? De que forma?*
- (3) *A questão traz aspectos que poderão ser de interesse geral, tendo em vista os próximos tópicos (*)?*

A partir dessa discussão, as três questões escolhidas serão reformuladas coletivamente, com apoio da bibliografia já vista, e devolvidas ao Fórum, formando três linhas de debate temáticas.

(*) Nossos próximos tópicos, vamos lembrar, são:

II. Aspectos sintáticos de variedades atuais do português - Gramática, variação e mudança

- O sistema pronominal no português brasileiro e no português europeu
- A expressão do sujeito no português brasileiro e no português europeu
- Ordem e relações de tópico e foco no português brasileiro e no português europeu

II. Elementos de sintaxe histórica do português

- A língua portuguesa no período de formação: sistema pronominal, expressão do sujeito, ordem
- A língua portuguesa no período de expansão: sistema pronominal, expressão do sujeito, ordem
- A língua portuguesa hoje: sistema pronominal, expressão do sujeito, ordem (revisitando)
-

IV. Mudança gramatical, variação linguística e ensino

- Particularidades do ensino do português como língua materna no Brasil
- Principais momentos do ensino do português no Brasil
- Abordagens atuais e desafios futuros